CADERNO DE LEITURAS 159 | 2022

O amor nos tempos do Fakebook

Helen Torres

Tradução be rgb

Nota das editoras

O texto em espanhol — "El amor en tiempos del Fakebook" — foi publicado em *Transfeminismos — Epistemes, fricciones y flujos*, 2013, pela editora Txalaparta, pp. 237-250.

Agradecemos à autora a autorização para publicá-lo.

Naquela semana, corrigia um romance de amor. Enquanto isso, fui visitar um amor antigo.[1]

Voltei para casa depois da visita. Terminei a correção. Meu corpo estava convalescente. Minhas pernas pesavam como próteses estranhas.

Sentia que me consumira até os ossos com aquele texto sobre um amor perturbado e seus efeitos sobre uma jovem desajustada. Em minha mente cansada, as memórias daquele romance alheio se mesclavam com as de minha própria história. Então, dei-me conta de quanto minha vida fora moldada pela busca do amor como projeto vital, como projeção do eu no futuro. E de como, graças à prática contínua de sexo e relacionalidade amorosa fora do paradigma da heteronormatividade, chegara a distinguir entre desejo e prazer, amor e sexo, confiança e conhecimento, compromisso e imutabilidade.

Dizem que é preciso separar para entender e depois voltar a juntar. Assim, entendi que o desejo podia ser um prazer; que o prazer podia vir sem sexo; que a confiança era indispensável em toda relação; e que o compromisso é feito aqui e agora.

Antes, nunca considerara que houvesse emoções tão ou mais importantes que o amor. Nem que o sexo não fosse uma necessidade imperiosa para manter a sanidade. E acabou que não só o amor não era mais tão importante, mas também o sexo deixou de ser a fonte primordial de prazer e aquilo que me definia como pessoa.

A chave que abriu as portas para essa compreensão foi deixar de ser o que (não) era — mulher, companheira, mãe, deusa — para ser algo que não sabia o que era, uma amálgama incerta para além das projeções e dos desejos.

Eu não era tão importante. Nem pouca coisa. Era algo além. Algo desconhecido e intrigante, algo que eu não esperava, que se estendia para além de minhas fronteiras. E podia existir sem que o amor de outros seres confirmasse minha existência.

1 Agradeço a Lucía Egaña e Lucrecia Massón pelas conversas que tornaram este artigo possível.

Meu corpo segue querendo que o queiram. Minha pele segue desejando outras peles. E o corpo não entende de sapos, princesas, nem de romances; mas de poros, suores, estremecimentos. Prazeres. E que o deixem em paz.

(Em seguida, encontra-se o filho.[2] Alguém para quem é difícil dizer "te amo". Soa como algo banal. Uma redundância. Um incômodo. Você ama seu filho antes de conhecê-lo. E logo terá que aprender a amá-lo apesar de si, apesar de você. Sem sexo. Nem sempre as mães amam sua criação. O amor não é uma condição vital, mas uma forma mais agradável de viver.)

A cama de gato

Esse protesto é sobre o quê?
Não sei... deve ser algo de lésbicas.

Escutado em protesto pela descriminalização
do aborto, Barcelona, 2012

Discutir os quê, como e porquê de um movimento político supõe definir ações, propiciar uma série de acontecimentos, promover valores para uma ética. Mas não se busca um pensamento comum.

Desde o começo dos anos oitenta, Donna Haraway já nos alerta sobre os perigos da visão única e de uma linguagem comum que homogeneíze as lutas contra o patriarcado. Amante das metáforas, Haraway nos fala dos saberes localizados como pontos de vista articulados ao modo da cama de gato, um jogo de barbantes.

> A cama de gato trata de desenhos e nós; o jogo demanda muita habilidade e pode levar a algumas sérias surpresas. Uma pessoa pode construir um grande repertório de figuras de barbante com apenas um par de mãos, mas as figuras da cama de gato podem ser passadas adiante às mãos de várias pessoas no jogo, que adicionam novos movimentos na construção de desenhos complexos. A cama de gato convida a um sentido de trabalho coletivo, no qual uma pessoa não consegue fazer sozinha todos os desenhos. Ninguém "vence"

2 Utilizo o masculino porque é o meu caso.

> no jogo de cama de gato; o objetivo é mais interessante e de possibilidades mais abertas. Nem sempre é possível repetir desenhos interessantes, e descobrir o que aconteceu para gerar um desenho intrigante é uma habilidade analítica encarnada. Ao redor do mundo joga-se a cama de gato e ela pode ter uma significação cultural considerável. Esse jogo é tanto local quanto global, distribuído e atado.[3]

Imagino assim o transfeminismo: pontos de vista que se enredam para formar desenhos inesperados e abertos, alianças parciais e contingentes que estão longe das ânsias de universalização e homogeneização. Essas são as ferramentas da casa-grande. A parcialidade e a heterogeneidade não são luxos da pós-modernidade, são condições de sobrevivência para quem conhece os perigos encarnados na liderança e nas misérias do pensamento único.

Meu olhar se faz a partir e na direção do interior dessa comunidade permeável e viral chamada transfeminismo, em busca de ferramentas na luta contra o patriarcado.

As batalhas são cansativas. Você volta com fome, sono, lama e vontade de uma banheira com água bem quente. Este texto foi pensado para esses momentos: para o descanso das guerreiras.

Com certeza há temas mais urgentes nesses momentos críticos. No entanto, proponho esse exercício justamente quando menos temos tempo para pensar, e sobre assuntos que, embora sejam cotidianos, costumamos deixar de lado na gaveta das confidências, dos rumores, das queixas, dos segredos, dos silêncios.

Para isso, vou me valer de uma figura e de uma pergunta.

A figura é a do idiota (resgatado por Isabelle Stengers, que o resgata de Deleuze que o resgata de Dostoiévski). O idiota é aquele que demanda que nós nos detenhamos, que resiste a aceitar o consenso. Não pede uma desaceleração por considerar que a explicação seja errônea, mas porque acredita que "há algo mais importante":

3 HARAWAY, Donna. *Modest_Witness@Second_Millennium.FemaleMan©_Meets_OncoMouseTM.* 2. ed. Nova York: Routledge, 2018.

> Sabemos que há conhecimento ali, mas o idiota nos pede para irmos mais devagar, que não nos consideremos autorizades a crer que possuímos o significado daquilo que sabemos.[4]

A pergunta é o que fazer com nossa herança emocional patriarcal.[5] Como ressignificar a equação sexo=amor=casal=família=laços sanguíneos? Como redefinir o olhar? Como abandonar a reprodução de um eu coerente e centralizado para criar outras formas de amar?

O sofá

Loucura é a lógica estúpida da vigília que insiste que
a identidade se sustenta ao longo do tempo e das desventuras.
Como se eu, sem você, fosse a mesma pessoa.

Ana María Shua[6]

Pode-se pensar a diferença entre as entidades e no interior dessas entidades. Para sair da dominação hierárquica, é preciso realizar esses dois movimentos de maneira simultânea. Porque não são só "os homens e as mulheres de nosso tempo" que têm medo da mudança e reproduzem valores e práticas patriarcais. Nós, transfeministas, também nascemos nesta sociedade; aqui fomos socializadas, aqui vivemos, amamos, algumas poucas de nós nos reproduzimos e aqui mesmo morreremos.
Nós também somos a sociedade.

Temos que habitar a contradição, nos fazer perguntas interessantes para usarmos como sinais e esquecermos os modelos. Gerar formas de vida inesperadas que não remetam a um modelo binário de

4 STENGERS, Isabelle. "The Cosmopolitical Proposal". *Making things public: atmospheres of democracy.* Cambridge: MIT Press, 2005. p. 995.

5 Ver DESPRET, Vincianne. *Our Emotional Make-Up.* Nova York: Other Press, 2004.

6 SHUA, Ana María. *La muerte como efecto secundario.* Buenos Aires: Sudamericana, 1997. p. 43.

opressão, a uma oposição antagônica entre o Um e es outres.[7] E para isso não adianta se opor ao Um como um todo coerente e homogêneo, porque esse todo não existe, e, se o criamos, damos mais razões de existência para esse todo-poderoso Um. Trata-se de ressaltar as diferenças no interior dessus outres, nós: perguntar-se sobre as fissuras, as contradições, a incoerência de toda identidade.

Nem a transexualidade nem a homossexualidade são fases superiores da heterossexualidade. Há outras exclusões: de classe, cor de pele, país de origem, títulos universitários, histórico depressivo, especificidades corporais e outras dessas pequenezas que definem o mundo. Não somos hostes de Xenas gays: aguerridas, certeiras, invencíveis. Armadas até os dentes e capazes de enfrentar tudo. Com glamour e azedas.

Ninguém é valente o tempo todo. Às vezes nos cansamos. Nem todas estão azedas. Muito menos temos glamour. E o que acontece com quem *não pode* ser transfeminista? E com aquelas que foram oprimidas por outras mulheres (talvez lésbicas, talvez brancas, provavelmente feministas)?

Viver na distopia com um libreto utopista é uma contradição dolorosa. Sustentar que *todas unidas jamais serão vencidas* é perigoso. E é um esquecimento imperdoável da história de nossas antepassadas.

Como Haraway disse, o ciborgue não nos salvará, assim como Che não nos salvou. Não se trata de nos salvarmos, mas de criar nossos próprios mecanismos e redes de apoio. Uma linguagem própria. Outras formas de nos relacionarmos. Outras maneiras de amar. Devires inapropriados e inapropriáveis.

Proponho colocar em cena nossa herança emocional e afetiva e nos demonstrarmos capazes de superá-la. Perguntarmo-nos sobre nossas contradições, medos e angústias, não como questões privadas e pessoais, mas como problemas públicos e políticos.

Isso já foi dito por nossas avós feministas. Vamos escutá-las.

7 A autora está de acordo que a tradução de seu texto utilize formas não binárias em português brasileiro, o que se aplicará a algumas passagens e citações em inglês, mas não às referências e/ou citações em que houver uso do masculino e/ou feminino por escolha de outras autorias. [N. T.]

O espelho

Em um espaço relacional em que os códigos da normatividade heteropatriarcal não funcionam, o casal é uma figura conflituosa, tanto para quem a pratica quanto para quem não.

Um *fisting* em público entre duas mulheres cis é uma bofetada na normalidade. Um carinho em sua amada em uma celebração à luz do sol poderia ser lido como a definição de um espaço de intimidade, a circunscrição de um solo privado. Não digo que seja. Mas digo que nosso olhar também é uma herança que está para ser ressignificada.

O olhar se constrói a partir de padrões de normalidade tão gravados em nossas retinas que dificilmente poderemos identificá-los se não fizermos exercícios performativos que o coloquem em xeque.

Um desses exercícios são as oficinas de Drag King, práticas encarnadas de modificação corporal e gestual que nos colocam em um lugar estranho: saber o que se sente ao performar publicamente a masculinidade com a raiva de quem foi construída como mulher. O mais surpreendente é a reação do King: suas emoções são diferentes, ele sente vontade de dar umas surras antes inimagináveis. Seu personagem o faz fazer. Este é um dos grandes êxitos desse exercício: ser consciente de até que ponto o olhar te faz ser. E entender como o reproduzimos e como ressignificá-lo.

Aí chega o Drag Incômodo, uma proposta de Lucrecia Masson, que propõe "habitar corporalidades que sejam incômodas para nós, inapropriadas, defeituosas". Caso sinta que seus peitos, sua bunda ou sua barriga são pequenas ou grandes demais, ao exibi-las você deixará de ver o olhar alheio como arquiteto de suas curvas. Dessa vez, é você quem delineia seus contornos.

O olhar é questionado ao alterarem-se os códigos de leitura, trocando os papéis, fazendo um *cut-up* com o roteiro a partir do qual te leem/você se lê. Quando o olhar desfocaliza, você se sente ridícula. Tem medo. Não sabe o que fazer. Enquanto isso, você tem a satisfação de curtir a sua masculinidade, seus seios pequenos, sua bunda grande e seus

pneuzinhos. E você dá a oportunidade de admirar a sua beleza para quem for capaz de te descobrir. Porque um corpo orgulhoso e valente, um corpo guerreiro, é lindo demais.

A mesa

Na comunidade pós-pornô, trabalhou-se a distinção entre amor e sexo durante anos. Mas a urgência do presente torna difícil entender as emoções. Você não sente nada em uma relação sexual ocasional? O sexo é a condição das relações amorosas? O casal é garantia do amor? O amor é uma flor que cresce apenas no jardim des humanes?

Amamos a partir de estereótipos regidos por códigos restritos. O poliamor como multiplicação de casais; o casal como solo privado dos cuidados e do amor sexual. A negociação entre as partes é complexa e remete sempre ao padrão.

Aí chega a distribuição hierárquica de amantes, pela qual as relações amorosas são estabelecidas segundo prioridades definidas por um dos lados. Aqui, a confiança e o respeito podem sofrer grandes reveses, além de perpetuar-se uma das enfermidades humanas mais perniciosas: a das hierarquias.[8] A partir do ponto de vista antropocêntrico no qual localizamos as relações amorosas, as hierarquias são um vício difícil de reconhecer e mais difícil de conduzir nas relações com não humanes.

Também não nos aprofundamos nas relações entre humanes e não humanes, remetendo-nos a interpretações mais ou menos literais da metáfora do ciborgue, menosprezando as contribuições de diversas

8 "You are hierarchical. That's the older and more entrenched characteristic. We saw it in your closest animal relatives and in your most distant ones. It's a terrestrial characteristic." [Vocês são hierárquiques. É sua característica mais antiga e enraizada. Nós a encontramos nos animais mais próximos de vocês e até nos mais distantes. É uma característica terrestre.] BUTLER, Octavia. *Dawn*. Open Road Integrated Media, 2012. p. 66 (e-pub).

pesquisadoras feministas sobre a constituição e a domesticação mútua entre espécies[9] e a responsabilidade que isso envolve.

Pretendemos cercar nossas emoções em modelos que abrigam igualmente o ciúme, a decepção, o ódio, a frustração, a ruptura e o desamor. Aplicamos essa fórmula para todas as relações, com humanes e não humanes, colocando-nos sempre no centro da relação. Fazemos do acoplamento com outre humane o bálsamo emocional exclusivo ou desacreditamos o amor. O amor é heterossexual, alguém disse certa vez. O amor fede. Cuidado com o amor.

Quem escapa dos modelos se torna turista emocional. Com um pé no futuro, sempre a ponto de lançar-se ao trem que passa ao lado, mas sem chegar a saltar. Não é uma conduta temerária, mas temerosa. Um não querer estar aqui, um desejo de um outro lugar ao qual se chega por teletransporte, sem restos de suor na testa (porque o corpo não viaja, é energia que se desloca para outro lugar). Um destino (difuso, intercambiável, anódino) sem viagem. Ainda que gostemos de pintá-lo como uma viagem sem destino.

Procrastinar é querer ser outra pessoa, mas não ter valentia para tentá-lo. É não considerar o valor de transformar-se, de aceitar o devir. Escapar do acontecimento. Não querer perder nada. Estar em muitos lugares ao mesmo tempo. Ampliar o vocabulário sem se aprofundar no significado. Preferir a fugacidade de uma promessa ao suor de um encontro. Temer o fracasso enquanto o busca com determinação.

Logo, hierarquias ou procrastinação. Pensamos em identidades queer e trans; em corpos abjetos e protéticos; em meta-humanes e articulações entre espécies. Mas ainda arrastamos o ideal bíblico de sermos o centro do Universo, herdado da concepção cristã da criação divina do homem como ser superior ao resto das criaturas (incluindo as mulheres).

9 Ver: HARAWAY, Donna. *O manifesto das espécies companheiras — Cachorros, pessoas e alteridade significativa*. Tradução de Pê Moreira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021 [2006]; TSING, Anna. "Unruly Edges: Mushrooms as Companion Species", Outono, 2004, http://tsingmushrooms.blogspot.com.es/. [Tradução em português disponível em: https://piseagrama.org/margens-indomaveis/ — N. E.]; DESPRET, Vincianne. "The Body We Care For: Figures of Anthropo-zoo-genesis." *Body & Society*, Sage, v.. 10, n. 2-3, pp. 111-134, 2004.

Essas concepções sobre o que é o ser humane e como se relaciona dão forma à nossa concepção do amor, do casal, das formas de vida ideais e das vivíveis. É uma herança difícil de identificar e, portanto, de mudar. Na era da física quântica, ainda não nos livramos do *pantojismo*[10] amoroso, nem do medo da solidão.

Talvez porque acreditamos que repudiar o romantismo seja separar o significado do gesto e deixá-lo órfão, perdido, esperando que alguém venha resgatá-lo. Que abandonar o romantismo seja negar o amor. Que o amor seja a busca por aquilo que não somos, o desejo do que nos falta, a paixão desenfreada que nos fará vibrar. Por isso, quando um desejo que não tem nada a ver com a complementaridade se apresenta para nós, custa-nos lê-lo como desejo.

Entendemos o desejo como "foda-se, faço o que eu quiser". Uma afirmação de que não importa o efeito de minhas ações. Que meus desejos estão acima daqueles des demais. Que são puros. Autênticos. Como se uma identidade central fixa e coerente nos guiasse. Como uma religião, ou o desejo de uma religião.

> A liberação sexual é uma mistificação [...] a liberação acontecerá quando a sexualidade se tornar desejo e esse desejo é a liberdade de ser sexual, isto é, ser algo além ao mesmo tempo.[11]

O desejo como força propulsora, como potência, como motor e não como ausência.[12] O desejo como um desvio da linha contínua do tempo. O sexo como ser algo além ao mesmo tempo. A partir do ponto de vista de Deleuze:

10 Com referência à cantora Isabel Pantoja, representa um perfil dramático atribuído às mulheres. [N. T.]

11 Félix Guattari em GENOSKO, Gary. *The Guattari Reader.* Oxford: Blackwell, 1996. p. 211.

12 Para *brain-lovers* e amantes da ética, recomendo a leitura de Baruch Spinoza (especialmente sua ***Ética***, argumentada segundo um rigoroso sistema geométrico), aquele filósofo judeu que Borges dizia que não podíamos não amar, ou não deplorar não o ter conhecido.

> O desejo somente pode fazer arranjos sem constituir todos: as falências maquínicas, as parcialidades, as descontinuidades produzem desejo. Desejo é a produção e destruição, composição e decomposição de arranjos.[13]

Nem repudiar as paixões, nem cair em sua escravidão.[14] Abrir-se ao acontecimento,[15] responsabilizar-se pelas emoções; não transformar todo sentimento em ação; não fazer da paixão amorosa um bode expiatório, prótese emocional que separa os corpos da razão.

O fogo

O lugar do fogo: o que não tem forma, o que adquire a forma daquilo a que se adere.[16] Um lugar ao redor do qual contar e escutar histórias, onde tecer relações e fazer-se perguntas idiotas amparando-se contra o frio da urgência. O fogo, o lar.

O lar não tem motivo para ser ponto de partida, pode ser ponto de chegada. Um lugar de encontro, um espaço para habitar, no sentido de que fala Henri Lefebvre: habitar como apropriar-se de algo, não no sentido de ter como propriedade, mas de "fazer sua obra, modelá-la, formá-la, pôr o selo próprio".[17]

13 PARISI, Luciana. "The Adventures of Sex". In NIGIANNI, Chrysanthi e STORR, Merl (eds.). *Deleuze and Queer Theory.* Edimburgo: Edinburgh University Press, 2009. p. 73.

14 "Quem espera, se desespera. Além disso, ambas as coisas se referem ao tempo. Esperar algo é esperar algo do tempo, supor que amanhã algo pode acontecer. Temer algo é, de algum modo, o mesmo, e tudo isso está contra a ideia de Spinoza de que o tempo é ilusório, assim como o espaço. São dois dos atributos da Divindade, mas são dois, e resta um número infinito de outros." Jorge Luis Borges sobre Spinoza em fala para a Sociedade Hebraica Argentina em 1º de abril de 1985. Tradução a partir de: <https://www.poeticous.com/borges/baruj-spinoza?locale=es>. [N. T.]

15 "Não somente a fabricação da cadeira é um acontecimento, a própria cadeira é um acontecimento", frase da autora com base em argumentos de Alfred Whitehead em WHITEHEAD, Alfred North. *Symbolism: Its Meaning and Effect*. Nova York: Macmillan Co., 1927. p. 3. [N. T.]

16 O fogo é definido assim no *I Ching*.

17 Tradução de Ana Fani Alessandri Carlos em "Henri Lefebvre: o espaço, a cidade e o 'direto à cidade'". *Revista Direito e Práxis,* v. 11, n. 1, pp. 349-369, 2020. [N. T.]

Charis Thompson fala das coreografias ontológicas.[18] Entender os seres não como um desenho atemporal, mas como dança compartilhada de carne, matéria, signo e significado. Específica. Localizada. Mutável. Às vezes os acoplamentos funcionam. Às vezes não.

As coreografias precisam de muito esforço para serem dinâmicas, para não serem uma massa de fragmentos, para poderem dançar.

Haraway[19] argumenta que casais, sócies, companheires, colegas... não preexistem à relação, mas são o que surge dessas articulações dentro dos e entre os seres.

Vincianne Despret[20] argumenta que as práticas de domesticação criam e transformam humanes e animais por meio do "milagre da sintonização" (sujeites que se constroem mutuamente estando juntes) e não da empatia (ume sujeite se transformando ao okupar um objeto). Para que a sintonização seja possível, é necessário estar disponível para os acontecimentos.

O amor é uma afetação, uma prática de interesse: o que está entre; a criação de uma conexão; o ser importante. Seu ingrediente primordial é a confiança. "E você nunca pode ser indiferente à confiança que você inspira."[21]

Annie Sprinkle e Beth Stevens propõem o ecossexo. Se somos híbrides de animal e máquina, realidade e ficção, cultura e natureza, a Terra não é mãe, mas amante. Vamos amá-la. É nosso lar, o lugar do fogo.

18 THOMPSON, Charis. *Making Parents: The Ontological Choreography of Reproductive Technologies.* Cambridge: MIT Press, 2005.

19 HARAWAY, Donna. "A Note of a Sportswriter's Daughter: Companion Species". In *Bodies in the Making: Trangressions and Transformations.* Santa Cruz: New Pacific, 2006.

20 DESPRET, Vinciane. "The Body We Care For: Figures of Anthropo-zoo-genesis." *Body & Society*, Sage, v. 10, n. 2-3, pp. 111-134, 2004.

21 Isabelle Stengers em DESPRET, Vinciane, op. cit., tradução de Maria Carolina Barbalho, revisão de Ronald João Jacques Arendt (no prelo).

Arquiteturas habitáveis

A partir das figuras esboçadas neste breve artigo — a cama de gato, o sofá, o espelho, a mesa e o fogo —, Lucrecia Masson, uma auxiliar e eu propusemos um projeto para criar cartografias relacionais e diversas ferramentas performativas para hackear códigos emocionais e redefinir as relações afetivas como práticas de interesse, baseadas na confiança.

Seguindo pelo fluxo de encruzilhadas entre hackers, artistas e ativistas transfeministas que tem acontecido nos últimos anos no Estado espanhol,[22] estrearemos a proposta em agosto de 2013, em uma residência em *Artropocode*, encontro sobre "Intersecções artísticas entre corpos, tecnologias e ecologias", programado pela Rede Arco Atlântico em Baleiro Lab e na USC Compostela.[23]

Nossa intenção é mapear articulações afetivas entre participantes do encontro, tecnologias e arredores para tomar consciência da maneira como nos constituímos mutuamente nas relações entre entidades humanas e não humanas. Proporemos uma cartografia que adquirirá a forma de uma narrativa sonora geolocalizada (em uma tentativa de alterar a hierarquia dos sentidos, destronando o olhar por meio de um relato coletivo, contingente e situado); uma cartografia emocional do espaço habitado durante o encontro; e o kit EMO-Cyborg com suporte material, digital e gráfico da experiência.

A proposta surge da inquietação de nosso grupo de amigas e compartilhamos uma série de atributos: somos eurakas (sul-americanas residentes na Europa), não padecemos da heterossexualidade compulsória, talvez sejamos artistas, somos definitivamente políticas e gozamos de altos níveis de precariedade econômica, familiar e emocional. Nós

22 Essas intersecções se materializaram sobretudo no projeto Generatech, no programa de "Summer of Labs", no Hackmeeting 2012 na colônia pós-industrial Calafou e, concretamente, na comunidade pós-pornô, a partir de propostas coletivas de artistas como Shu Lea Cheang e os coletivos Quimera Rosa, Transnoise e Minipimer.tv.

23 Ver http://www.baleiro.org/content/residencia-artropocode-summer-labs-2013.

nos denominamos “La Sudaka Coaching Kuir”. Por um lado, buscamos fortalecer redes afetivas e discutir sobre nossas emoções como questões políticas e não como conflitos individuais, longe da psicanálise, da confissão e das terapias “alternativas”. Por outro lado, inspiradas pelo que a socióloga e etnógrafa Susan Leigh Star chama de “privilégio da perspectiva parcial” de quem vive fora da norma, tentamos transferir para o resto da rede transfeminista as nossas experiências e saberes como subjetividades monstruosas com uma visão dupla (a partir de dentro, como residentes do espaço europeu, a partir de fora, como exiladas do espaço sul-americano).

E encerro aqui meus devaneios, à espera de voltar a nos encontrarmos ao redor do fogo, de um churrasco ou de um quentão, em alguma coreografia ontológica que nos permita dançar e sintonizar afetos, emoções, corpos e tecnologias sem medo da conjunção entre amor, sexo, desejo e prazer. Pois a vida é curta demais e a luta é longa demais.

Caderno de Leituras 159 | 2022

O amor nos tempos do Fakebook
El amor en tiempos del Fakebook

Helen Torres

Edição
Luísa Rabello

Tradução e cianotipia de capa
be rgb (Beatriz Regina Guimarães Barboza)

Preparação de texto
Maria Carolina Fenati

Revisão
Andrea Stahel

Projeto gráfico
Luísa Rabello

Coordenação da coleção
Luísa Rabello e Maria Carolina Fenati

Composto em Neue Haas Grotesk

ISSN 2764-3301

Edições Chão da Feira
Belo Horizonte, novembro de 2022
Esta e outras publicações da editora estão disponíveis em www.chaodafeira.com

Este projeto foi realizado com recursos
da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte

Realização

PROJETO REALIZADO PELA SOCIEDADE CIVIL COM RECURSOS ORIUNDOS DA POLÍTICA DE FOMENTO À CULTURA MUNICIPAL

Incentivo

LMIC
LEI MUNICIPAL DE INCENTIVO À CULTURA

CULTURA

PREFEITURA BELO HORIZONTE
GOVERNANDO PARA QUEM PRECISA

Projeto 0182/2021